



## **ASCENSÃO FASCISTA E DESAFIOS PARA A ESQUERDA**

*Claudio Reis*<sup>1</sup>

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

### **Resumo**

A presente discussão ressalta alguns elementos da realidade brasileira, no contexto pré-eleitoral de 2018. Tenta-se identificar no chamado bolsonarismo, aspectos de um específico fascismo nacional. Também, busca-se elencar alguns novos desafios para os movimentos democráticos e populares, tendo em vista a massificação do autoritarismo. Em todos principais pontos, utiliza-se as contribuições de Antonio Gramsci.

**Palavras-chave:** Bolsonarismo. Fascismo. Antonio Gramsci.

### **Introdução**

Primeiro quero agradecer o convite e toda a gentileza da comissão organizadora que esteve presente conosco nestes dias. Quero dizer também que estou muito feliz por estar nesta mesa e por ter acompanhado as discussões feitas até aqui. Acredito que este é um momento histórico crucial, já que estamos pouco antes das eleições. E é um momento importante para fazer as discussões de maneira coletiva, tentando aprofundar e avançar sobre alguns elementos.

Importante sinalizar que esse é um momento histórico bastante difícil de se criar uma síntese. Uma síntese que dê conta de todos os elementos contidos na realidade. Isso porque se apresentam diariamente, no debate político e na movimentação das classes e dos grupos, uma infinidade de questões. E os acontecimentos vem se dando de maneira

---

<sup>1</sup> Professor de Teoria Política da FCH/UFGD.

muito rápida. Então, quando nós pensamos que foi possível alcançar alguma compreensão, acontece um fato que problematiza, traz novos elementos, torna mais complicada a situação. E com isso, ficamos num esforço desfavorável para tentar entender exatamente o que está acontecendo. Entretanto, isto não significa que não seja possível identificar os aspectos que de fato são centrais. E este, obviamente, deve ser um trabalho coletivo. Não será o trabalho de um pesquisador isolado que irá encontrar a chave para o entendimento sobre toda a atual complexidade. Acredito que este seja um trabalho coletivo e somente assim conseguiremos organizar, pelo menos em termos de conhecimento, o que está posto no dia-a-dia. Então, de minha parte, vou apresentar apenas alguns elementos que considero importantes, neste contexto.

Início a discussão a partir do Golpe de 2016, mais precisamente com a famigerada sessão do impeachment na Câmara dos Deputados. Aquele evento, certamente, causou horror e chocou grande parte da sociedade brasileira. Sem dúvida, aquela votação foi um episódio traumático para nossa história. Até aquele momento, acompanhei quase que diariamente as sessões da Câmara e do Senado, e mesmo seguindo *pari passu* estes espaços não dava para perceber, não dava para ter toda a dimensão do que é aquilo. Quem são aquelas pessoas que estão ali? Na sessão do impeachment, porém, quando todos tiveram de falar e justificar o seu voto, o escândalo foi a consequência, dentro e fora do Brasil. As perguntas sobre aquela sessão macabra, eram: quem são aqueles eleitos? Quem são aquelas pessoas que estão representando o povo brasileiro?

Acredito que aquela sessão marca um ponto importante para pensarmos a luta democrática no Brasil. Quando é possível identificar a unidade entre as velhas oligarquias e os novos grupos conservadores e reacionários dispostos, naquele processo, a derrubar a Dilma.

E a questão fundamental que surgiu daí, com esse episódio grotesco, para as forças progressistas e até revolucionárias é a seguinte: vamos continuar negando a luta parlamentar, mesmo diante disso? É possível que nós continuemos apenas assistindo o que está acontecendo? É possível permanecer defendendo que a luta política e a transformação da realidade continuem a deslocar a luta parlamentar para um espaço menor, para um espaço marginal dentro do processo de mudança? Acredito que essa questão foi colocada a partir desse episódio e que, querendo ou não, acabou criando um sentimento diferente em alguns setores da própria esquerda que historicamente negaram o trabalho e a atividade parlamentares. Surgiu, assim, uma percepção de que é preciso sim criar uma força política capaz de fazer o enfrentamento naquele ambiente.

Portanto, o processo do impeachment e, em particular, essa sessão colocaram para as forças democráticas e até revolucionárias deste país, a seguinte pergunta: vamos continuar assistindo tudo isso, sem uma intervenção mais direta?

Todavia, mesmo levando em conta a importância do processo do impeachment, com suas várias fazes, não vou me deter à busca de definir conceitualmente este Golpe e quais características teve. Tentarei desenvolver as suas consequências, ou seja, o que este processo trouxe para o cenário político nacional? A hipótese defendida aqui é que as mobilizações de massas ocorridas em defesa do Golpe cimentaram, no âmbito da sociedade civil, o fascismo. Tentarei, portanto, realçar algumas particularidades do fascismo no Brasil.

O primeiro ponto importante a ser destacado é sobre a relação entre o fascismo clássico italiano e esse movimento brasileiro atual. Existe algum vínculo entre um e outro? Em outras palavras, o fascismo italiano, do início do século XX, pode ser visto na atual realidade brasileira? Sem desconsiderar a importância desta possível aproximação, acredito que a pergunta fundamental seja a seguinte: o fascismo morreu com o final da Segunda Guerra Mundial, como saída para as crises do capitalismo? O fascismo como forma, como concepção e como projeto de sociedade, está descartado pelas classes dominantes? Ele não mais possibilita saídas para as crises do capitalismo, em determinados momentos da história? Se colocarmos o fascismo como uma experiência específica da primeira metade do século XX, corremos o risco de fazer o mesmo com outras experiências do passado, como por exemplo, a própria Revolução Russa. Neste caso, a Revolução teria sido também um processo única e exclusivamente do início do século XX, mais especificamente da realidade russa. Também aqui não haveria sentido em acreditar na possibilidade de nova experiência socialista no tempo e no espaço.

Acredito que, ao contrário, devemos recuperar a noção gramsciana de “tradutibilidade” dos processos históricos. De acordo com a análise do autor:

Deve-se resolver o seguinte problema: se a tradutibilidade recíproca das várias linguagens filosóficas e científicas é um elemento “crítico” próprio a toda concepção do mundo ou próprio somente à filosofia da práxis (de maneira orgânica) e apenas parcialmente apropriável pelas outras filosofias. A tradutibilidade pressupõe que uma determinada fase da civilização tenha uma expressão cultural “fundamentalmente” idêntica, mesmo que a linguagem seja historicamente diversa,

diversidade determinada pela tradição particular de cada cultura nacional e de cada sistema filosófico, do predomínio de uma atividade intelectual ou prática, etc. Assim, deve-se ver se a tradutibilidade é possível entre expressões de diferentes fases de civilização, na medida em que estas fases são momentos de desenvolvimento uma da outra e, portanto, integram-se reciprocamente; ou se uma expressão determinada pode ser traduzida com os termos de uma fase anterior de uma mesma civilização, fase anterior que, porém, é mais compreensível do que a linguagem dada, etc. É possível dizer, ao que parece, que só na filosofia da práxis a “tradução” é orgânica e profunda, enquanto de outros pontos de vista trata-se frequentemente de um mero jogo de “esquematismos” genéricos (GRAMSCI, 2001, p. 1468, Q. 11)

Por esse caminho, pode-se afirmar que sendo o fascismo uma proposta sempre viva e atuante para as classes dominantes resolverem as crises agudas do capitalismo, a sua presença no atual momento é bastante plausível. O problema, agora, é identificar quais as suas características uma vez formado na sociedade brasileira. Afinal, a sua face no presente momento não será exatamente a mesma do seu cenário original.

Partindo disso, quero trazer alguns elementos sobre a história recente do Brasil, mais especificamente a partir do processo de redemocratização, quando se inicia um período de complexificação da sociedade civil brasileira. É evidente que a sociedade civil do Brasil de hoje é diferente, quando comparada com a do pré-1964. O Brasil hoje apresenta uma realidade com novas características. Diante dos inúmeros episódios, ocorridos nos últimos anos, a sombra das forças armadas e de uma ação violenta contra o Estado e contra a sociedade, parece estar sempre presente. Devido ao trauma deixado pelo Golpe de 64, em vários momentos afirmamos: “agora os militares vão para a rua”, “não eles vão agora”, no entanto, eles não foram. Por que eles não foram? Parece que há uma leitura, minimamente de bom senso, de quem está nos comandos militares, reconhecendo que o Brasil é um país diferente hoje.

Como seria na atual realidade brasileira um governo militar, fruto direto de um Golpe de Estado? Como seria, por exemplo, o processo de repressão, tendo em vista difusão da internet, iriam proibi-la? Iriam proibir as redes sociais? Como se daria esse controle? O Brasil, hoje, apresenta elementos que não estavam postos naquele contexto, conseqüentemente impõe novas dificuldades para o tipo de ação ocorrido nos anos 60.

Entretanto, se este tipo de Golpe de Estado tem pouca probabilidade de sucesso, outra forma de ditadura pode ser imposta.

Mais do que complexa, a sociedade civil brasileira hoje é também nacionalizada. Existem instituições, organizações e agrupamentos que organizam as classes sociais não mais limitadas às regiões industrializadas. Em praticamente todo o território brasileiro, a luta política é cada vez mais organizada por instituições civis. Este dado positivo é, contraditoriamente, um terreno que pode facilitar a difusão de movimentos de massas fascistas. Isto, todavia, não significa que tenhamos ainda um Estado fascista. Tem-se um movimento fascista que quer, obviamente, o poder do Estado, mas ainda não o tem. O que existe até o momento é um movimento fascista, mais ou menos consolidado, apenas nos terrenos da sociedade civil. Inúmeras instituições defendem seus valores e suas condutas. Dentro de escolas, em maçonarias, em igrejas, em partidos políticos, etc. Portanto, existem instituições políticas e culturais que defendem valores perfeitamente alinhados ao fascismo. E isto não está restrito a São Paulo ou ao Rio de Janeiro, pois estende-se ao país inteiro. Recentemente houve uma exposição do Bolsonaro no Acre, na qual ele dizia que iria “metralhar a petralha”, caso ganhasse as eleições. No Acre, com uma multidão em volta. Quando na história do Brasil, tivemos um movimento de massas, por todo o país, assim? Esse movimento está no Nordeste, no Norte, no Centro-Oeste, no Sudeste e no Sul, ou seja, em todas as regiões da nação. No Centro-Oeste, mais especificamente em Dourados – Mato Grosso do Sul – que é um dos centros do agronegócio, as ideias de Bolsonaro possuem uma força político-moral assustadora. Ao ponto de deixar pouco espaço para os movimentos democráticos. As associações empresarias, de comerciantes, as igrejas, entre muitas outras, apoiam fortemente as aspirações fascistas em curso. E eles colocam pessoas na rua. Não são os “camisas pretas”, são os camisas amarelas.

Portanto, tudo indica que hoje existe um movimento reacionário em busca de consenso para colocar em prática a violência, com fortes características de fascismo em todo o território nacional.

Criar um movimento de massas no Brasil, não é algo fácil. Afinal, as suas dimensões continentais e as suas diversas particularidades regionais e locais, inserem inúmeros desafios. Bolsonaro, neste sentido, consegue fazer uma articulação importante para a unidade do movimento. Aqui vale ressaltar que Gramsci, em um texto do período de militância política, aborda algumas diferenças entre o chamado “fascismo urbano” e o

“fascismo rural”. De modo resumido, a sua caracterização sobre essas duas vertentes fascistas é exposta da seguinte maneira:

por um lado, os núcleos urbanos, pequeno-burgueses, constituídos predominantemente por parlamentares e colaboracionistas, e, por outro, os núcleos rurais, formados por grandes e médios proprietários agrícolas e pelos próprios colonos, interessados na luta contra os camponeses pobres e suas organizações. Esses núcleos rurais são decididamente antisíndicaís, reacionários, confiam mais na ação armada direta do que na autoridade do Estado e na eficácia do Parlamento. (GRAMSCI, 2004, p.80-81, EP, V.2)

O líder brasileiro faz uma ponte, uma mediação, entre essas duas formas de fascismo. Ele consegue ligar muito bem os interesses das milícias do Rio de Janeiro aos interesses dos paramilitares do campo que trabalham para o agronegócio. Faz muito bem a mediação entre fascismo urbano e fascismo rural. Ajuda a consolidar esse movimento reacionário de massas em todos os pontos da nação.

Tentando ainda avançar nessa caracterização, o fascismo brasileiro também pode ser definido como subalterno internacionalmente. Ele é um movimento que tem como referência global, as potências ricas. Está, em especial, totalmente submisso ao conservadorismo radical e reacionário dos Estados Unidos. Além disso, apresenta uma dependência monumental ao capital financeiro e às agências do mercado. A retórica de defesa da pátria, de país grande e soberano, esconde um projeto nacional totalmente subalterno aos interesses externos. E a mais grave consequência é justamente a destruição das riquezas e dos patrimônios nacionais. Gramsci afirma algo semelhante, quando diz:

pode-se chegar à conclusão de que, com frequência, o chamado ‘partido do estrangeiro’ não é propriamente aquele que é habitualmente apontado como tal, mas precisamente o partido mais nacionalista que, na realidade, mais do que representar as forças vitais do próprio país, representa sua subordinação e servidão econômica às nações ou a um grupo de nações hegemônicas. (GRAMSCI, 2001, p. 1562-63, Q. 13)

Uma outra questão é que esse fascismo gestado no Brasil, está, por óbvio, inserido na nossa herança histórico-nacional, mais precisamente aos 300 anos de escravidão. O

racismo, portanto, é uma marca importante. Diferentemente do fascismo italiano que busca referência nos ditadores da Roma Antiga, o brasileiro encontra a sua referência nos senhores de escravos.

Um último elemento para tentar caracterizar esse fascismo, está no fato dele já nascer neoliberal. Ele surge pós experiências socialistas do século XX que transformaram o Estado no principal agente condutor do processo. Com isso qualquer defesa de um Estado forte compromete o seu enraizamento reacionário na sociedade. Esse fascismo quer se distanciar dessa figura do Estado que guia e comanda as mudanças político-sociais. Coisa diferente foi o fascismo original, que fortaleceu enormemente a presença do Estado na vida econômica. A defesa de um Estado forte, foi uma marca de sua primeira aparição. Então esse fascismo pós socialista, caracteriza-se por nascer já atrelado aos interesses do mercado financeiro. Não concebe o Estado como controlador da economia.

Feito isso, ou seja, após esta breve exposição sobre o avanço do fascismo na sociedade brasileira, é necessário, também, identificar as formas de contraposição a esses elementos autoritários.

Em primeiro lugar, parece-me que a principal e mais robusta trincheira política contra o fascismo no Brasil, hoje, seja o processo de conciliação de classes. Essa é a principal trincheira que está conseguindo segurar a conquista do poder do Estado pelo fascismo. Se observarmos as intenções de votos, o que veremos é isso: a única força política capaz de barrar o fascismo é representada pelo projeto de conciliação de classes, querendo ou não. Se considerarmos apenas os programas que possuem e indicam uma concepção socialista mais ou menos evidente, perceberemos que eles não têm mais que 1%, isto é, não tem chance alguma de fazer o enfrentamento ao programa fascista. Quem tem condições hoje, para fazer uma resistência efetiva, é o projeto caracterizado pela conciliação de classes.

Além desse dado relevante sobre o cenário atual, deve-se estar atento para as novas questões que estão postas para a esquerda brasileira. Primeiro elemento, diz respeito ao chamado universo virtual, merecedor de uma maior atenção e que está construindo uma opinião pública subterrânea, obscura e autoritária. Muitas vezes criminosa, disseminadora de fatos irreais e que está conquistando o consenso de multidões sobre suas “teorias”. Inclusive conquistando vitórias sobre camadas populares. Existe um universo paralelo no âmbito das redes sociais, perigoso e difícil de se combater. As mentiras difundidas como tática política, para gerar o medo, a angústia e a paralisia, cumprem o papel de desmobilizador social. Também constroem o ódio, por meio de

mentiras, sobre os seus adversários. O importante, agora, é definirmos como vamos nos contrapor a isso. Como a esquerda vai conseguir enfrentar esse tipo de opinião pública criminosa que está sendo gestada hoje? Afinal, este é um processo infinitamente capilar. É urgente a necessidade de se opor a isso, caso contrário a luta contra o fascismo pode ficar restrita a pequenos grupos.

Ainda dentro desse ambiente, temos a constituição de novos tipos de intelectuais orgânicos das classes dominantes. Aquele produtor de vídeos de baixa qualidade teórica, porém capaz de disseminar suas opiniões pelas redes e formar milhões de pessoas. O principal intelectual orgânico do governo Bolsonaro se chama Olavo de Carvalho. Apesar de possuir uma razoável produção bibliográfica impressa, Carvalho exerce uma importante influência nos meios digitais. Academicamente possui pouca relevância. Suas ideias, pouco rigorosas, não se sustentam perante o crivo da ciência. Todavia, politicamente, a sua força é inegável. E justamente por isso, as forças democráticas e de esquerda não podem despreza-lo. O fato de não possuir currículo lattes, nem ter uma vida acadêmica respeitável, não o impede de formar quadros políticos de destaque – sendo muitos de caráter fascista.

Diante disto, como enfrentar esse novo tipo de intelectual orgânico, formador de milhares de indivíduos, criador de uma subjetividade reacionária e fascista? Sendo enorme o seu alcance é urgente criar meios para fazer o devido enfrentamento.

O enfraquecimento das organizações tradicionais das esquerdas brasileiras, devido aos novos tipos de espaços da luta política, aumenta ainda mais os seus desafios. Partidos e sindicatos, historicamente decisivos para a classe trabalhadora, estão, neste momento, enfraquecendo-se, pois não estão dando conta de acompanhar essas novas formas de luta que estão postas. Então, tudo indica que para fazer o enfrentamento a longo prazo, para tentar sair definitivamente dessa escuridão, será necessário repensar profundamente as organizações de esquerda e democráticas. Que tipo de capilaridade é necessária para organizar as massas, tendo em vista as recentes formas de disputa política?

Ainda dentro deste contexto, para encerrar essa parte sobre os desafios da esquerda, quero fazer uma outra provocação que é a seguinte: o ato do dia 29 de setembro, indica que haverá uma grande ação das mulheres, contra o Bolsonaro. A rejeição dele entre as mulheres é de 54%. É uma rejeição que impede a sua vitória nas eleições. Isso significa que a questão de gênero, não pode ser desprezada, marginalizada ou colocando em segundo lugar no debate, na luta, na disputa política de qualquer força que queira



transformar esse país. É necessário inserir a questão de gênero e outras temáticas no centro das organizações revolucionárias. Não adianta falarmos que são movimentos de inspiração pós-moderna, pois são coletivos reais dispostos à luta política concreta. Se são pós-modernos ou não, essa é uma questão que pode e deve ser discutida, entretanto, o fato é que são sujeitos importantes. Inclusive para desenvolver o trabalho de organização da própria classe. Muitas vezes fazemos a crítica à pós-modernidade, mas não fazemos a seguinte questão: por que as ideias pós-modernas conseguiram tanta aceitação no interior dos movimentos sociais? Por que? O que acontece? Por que os atuais movimentos sociais que lutam por questões específicas absorvem tão tranquilamente essas concepções definidas de forma mais ou menos genéricas de pós-modernas? Uma possível resposta é que o marxismo parece ter se esquecido da importância de desenvolver uma dimensão fundamental da vida e da sua própria concepção de mundo, que é aquela voltada para as particularidades. Não é só o universal que explica a realidade, as particularidades também o fazem. E parece que nós abandonamos esse elemento. Não acredito, de forma alguma, que o marxismo, a filosofia da práxis ou o materialismo histórico, seja incapaz de fornecer elementos para entendermos melhor a questão do racismo, a violência contra as mulheres, a luta contra a homofobia, etc. Não acredito, definitivamente, nisso. O marxismo, a filosofia da práxis ou o materialismo histórico, é uma concepção do mundo, ou um método, que é elástica. É possível traduzir os novos problemas históricos, incorporando-os e dando novos significados a partir dessa concepção. Não vejo isso como revisionismo, vejo como uma capacidade da filosofia da práxis traduzir momentos históricos diferentes. É um fundamento que está presente na sua própria forma de produção de conhecimento e de práxis. Portanto, nós podemos conseguir. O que não é razoável é criticarmos a pós-modernidade, sem saber os motivos de sua eficiência. Em qual dimensão da vida social eles ganharam? Tudo indica que as mulheres vão nos salvar, pelo menos momentaneamente. Esperamos que sim.

Para finalizar, vou recorrer a um importante método de análise histórica de Gramsci, caracterizado pela dialética entre o que é conjuntura e o que é orgânico – presente no Caderno 13, na nota 17. Como o próprio diz: “no estudo de uma estrutura, devem-se distinguir os movimentos orgânicos (relativamente permanentes) dos movimentos que podem ser chamados de conjuntura (e que se apresentam como ocasionais, imediatos, quase acidentais).” (GRAMSCI, 2000, p. 35, V.3) Nessa reflexão, o autor traz alguns elementos para pensarmos as características do imediato e do mediato, ou seja, o que é ocasional e o que é potencialmente duradouro. Com isso, partindo da

nossa realidade, podemos dizer que por mais obscura que esteja, ela é contraditória, dialética, ou seja, não é linear. Existem elementos contrários ao obscuro, com saídas até mesmo potencialmente emancipatórias. Não no sentido da construção do socialismo em um ato, mas como contradições à barbárie fascista. Não é só o fascismo e os demais movimentos autoritários que estão em movimento. Por isso, é importante trazer essa reflexão de Gramsci, para tentarmos sair das análises catastróficas. Todas as questões apresentadas na história recente, marcada pelo tensionamento político e por uma reorganização do campo da produção capitalista, precisam nos indicar aquilo que é apenas ocasional e aquilo que tende a ser duradouro. Gramsci chama a atenção para as contradições justamente para não correremos o risco, do ponto de vista da historiografia, de confundir essas situações. Do ponto de vista político, essa confusão pode ser ainda mais grave, pois podemos não compreender o presente, portanto, indicar erroneamente a tendência futura. O nexos, aponta Gramsci, “dialético entre as duas ordens de movimento e, portanto, de pesquisa dificilmente é estabelecido de modo correto, e, se o erro é grave na historiografia, mais grave ainda se torna na arte política, quando se trata não de reconstruir a história passada, mas de construir a história presente e futura.” (GRAMSCI, 2000, p.38, V.3)

Diante disto, coloco duas questões, também um pouco provocativas: 1) no caso das atuais forças reacionárias, de cunho fascistas, elas se apresentam como o nosso futuro, ou são apenas uma tentativa desesperada de se impor sobre uma realidade já incompatível com seus princípios? Afinal, o que vemos é uma resistência muito grande em relação ao projeto defendido por esses movimentos. Então, há a tentativa de impor forçosamente uma situação que, talvez, não consiga mais se conformar na nossa realidade. Esse movimento reacionário vai marcar os nossos próximos 30 ou 40 anos, ou ele é o ápice de uma última tentativa? Só depois que a sociedade brasileira conseguiu se modernizar, conseguiu se organizar de uma forma democrática, com vários grupos, fazendo várias formas de denúncias de violências, etc., é que esses grupos fascistas começaram a se organizar. O projeto bolsonarista, para as mulheres, por exemplo, é o seguinte: ela deve voltar ao lugar de subalternidade de antes, mas isto é possível? É possível que a mulher hoje aceite a mesma condição predominante em determinados momentos da história? Ao que tudo indica, não. Então, existe a possibilidade de entendermos esse movimento fascista, também, como um ato desesperado, de forças reacionárias que estão sendo enquadradas por outras forças político-sociais de cunho democráticas, as quais não aceitam mais tal condição. Essa é uma questão que não está explicitamente definida. 2)

Em decorrência desse questionamento, surge uma outra pergunta, sobre as forças democráticas: elas de fato estão sendo derrotadas ou estão demonstrando força suficiente para superar essa situação? Nos últimos 4 anos, os ataques foram devastadores, vindos de todos os lados e, mesmo assim, estamos aqui. Estamos aqui ainda tentando fazer o debate, com uma certa liberdade; os movimentos estão se organizando, os partidos estão operantes. Isto demonstra a força do que foi criado, do que foi construído nos últimos 30 anos na sociedade brasileira. Então, não sei se de fato esse cenário obscuro que desenhamos, será o nosso futuro. Em minha visão, este cenário não está definitivamente dado. Por mais que possamos trazer os vários elementos de barbárie existentes, o importante é buscar a dialética e ressaltar as contradições. Caso contrário, cedemos à uma análise catastrófica, que dizer, deixamos de encontrar as saídas. Dentro do próprio marxismo, já vimos dicotomias não muito condizentes com o processo histórico.

Essas são algumas questões que podem nos ajudar a entender um pouco melhor a atual realidade brasileira. Tão difícil, tão angustiante, mas que justamente por isto exige um pouco mais de nossas forças, um pouco mais não só para entendermos o que está acontecendo, mas para estarmos presentes nos movimentos reais. Assim, no dia 29, estarei presente dando o meu apoio à luta das mulheres contra o fascismo. É fundamental estarmos presentes nesses espaços de luta.

### **Referências**

GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, V2.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, V3.

\_\_\_\_\_. **Quaderni del cárcere**. Torino: Einaudi, Edizione critica dell'Istituto Gramsci – A cura di Valentino Gerratana, 2001, Vols 2 e 3.

*Recebido em 15 de junho de 2019*

*Aprovado em 05 de julho de 2019*

*Editado em 10 de setembro de 2019*